

“Tucanos” resistem à sedução

Jorge Cardoso

A assessoria do candidato Fernando Collor de Mello demonstrou ontem estar convencida de que, dificilmente, a direção do PSDB tomará uma posição em seu favor, na disputa com Luiz Inácio Lula da Silva. Por isso, torce para que o partido tenha uma atitude de neutralidade, que permita eventuais composições com alguns de seus setores, de acordo com conveniências regionais, ideológicas ou mesmo pessoais.

“Esta posição é a melhor para o próprio PSDB”, defendeu ontem o senador Carlos Chiarelli (PFL/RS), um “collorido” de primeira hora. “Mantém-se assim a identidade partidária de uma agremiação que tem votos em áreas sensíveis tanto à mensagem do Collor como à do Lula”. Embora o programa de governo do ex-governador de Alagoas tenha sido entregue para análise, ao PSDB, assessores admitem que tal aproximação tende a resultar muito mais na eliminação de resistências (no caminho de um pretendido perfil “social-democrata”) que em apoio formal.

Debates — “Os partidos demonstraram fragilidade”, enfatiza o líder do PRN na Câmara dos Deputados, Renan Calheiros, para concluir que não há uma preocupação excepcional com alianças partidárias. O quartel-general “collorido” acha, por exemplo, que os votos de Paulo Maluf, Afif Domingos e de outros candidatos virão naturalmente, sem necessidade de acordos. Por outro lado, não podem negociar a vaga do vice Ita-



Chiarelli: neutralidade convém

mar Franco, que resiste a qualquer mudança nesse sentido, o que por si só inviabilizaria a sua substituição pelo senador “tucano” Fernando Henrique Cardoso (que repeliu especulações a respeito).

De empresários e de políticos — entre os quais, os governadores Hélio Gueiros (PA) e Antônio Carlos Valadares (SE) — também têm vindo muitas manifestações da adesão. O assessor de imprensa, Cláudio Humberto Rosa e Silva esclareceu, porém, que “não será aceito apoio do presidente José Sarney e de alguns de seus auxiliares, com os quais só há entendimento possível na Justiça, depois de apuradas irregularidades existentes”. Todos eles falam que “a grande aliança será com o povo”. Dessa vez, por sinal, os encontros com a população acontecerão também através dos debates, já que Collor está determinado a cumprir o compromisso de debater na TV com o seu adversário no segundo turno.

Sim e não

□ O governador Álvaro Dias, que até ontem não havia manifestado seu apoio aos candidatos Fernando Collor de Mello, do PRN, ou Luiz Inácio Lula da Silva, do PT, afirmou que pode deixar o PMDB caso não haja uma renovação da direção do partido tanto em nível nacional como regional.

□ O governador de Minas, Newton Cardoso disse, que vai exercer o “direito sagrado” de se abster no segundo turno da eleição. Ele afirmou que não vota nem em Lula, nem em Collor de Mello. “Ganharam os extremos”, lamentou o governador.

□ O deputado José Lourenço (PDS-BA), cabo eleitoral do candidato de seu partido à presidência, Paulo Maluf, vai apoiar Fernando Collor de Mello, do PRN, no segundo turno. Lourenço disse que “Collor não pode dispensar o apoio da direita se quiser vencer a eleição”.

□ O líder do PRN na Câmara, deputado Renan Calheiros, afirmou que Fernando Collor de Mello, não precisa de apoios para vencer o segundo turno da eleição. Para justificar as conversas políticas com lideranças de outros partidos, Calheiros disse que o objetivo é costurar uma aliança que dê a Collor condições de governar, depois de eleito.

□ O PFL e o PDS reúnem hoje suas comissões executivas para traçar rumos com relação ao segundo turno das eleições presidenciais. Segundo fontes de ambos os partidos, o mais provável é que nenhum deles se posicione.